



Dezesseis anos após estrear com gol no MetLife Stadium, o maior artilheiro da Seleção não veste a Amarelinha há 970 dias. Camisa 10 luta contra lesões e infortúnios em Copas para fechar o ciclo na mesma arena com o hexa em 19 de julho

Acaba onde começou?

MARCOS PAULO LIMA

O MetLife Stadium foi o alfa de Neymar da Silva Santos Júnior na Seleção e pode significar o ômega em 2026. Era 10 de agosto de 2010 quando o atacante de 18 anos estreou com a camisa principal do Brasil contra os Estados Unidos, na arena localizada em East Rutherford, o endereço da final da atual edição da Copa do Mundo.

Aos 29 minutos do primeiro tempo, Robinho acionou André Santos em profundidade e o lateral-esquerdo cruzou milimetricamente na cabeça do camisa 11. Franzino, o “filé de borboleta”, como o adolescente era chamado carinhosamente por Wanderley Luxemburgo, no Santos, estufou a rede do goleiro Tim Howard, ajoelhou incrédulo no gramado e iniciou uma nova era. Figurões da época, Ronaldo, Adriano, Kaká e Ronaldinho Gaúcho saíram de cena para o menino virar o único fora de série do país há 16 anos.

Dois meses antes daquele gol na estreia pela Seleção, Dunga não quis levar a sensação do Campeonato Paulista à Copa na África do Sul. Nem ele, a flecha, nem Paulo Henrique Ganso, o arco. Não houve clamor popular capaz de convencer o técnico e muito menos o fiel escudeiro dele, Jorginho. “Tenho minhas diferenças em relação ao Dunga, discutimos convocações, formas de escalação. Mas a relação sempre é do treinador. Eu não levaria o Neymar na Copa de 2010. Naquela oportunidade, tínhamos uma filosofia de trabalho e só levaríamos os jogadores que testamos”, esclareceu o ex-auxiliar em 2013.

Com os veteranos saindo de cena a cada convocação de Mano Menezes em meio ao clamor por renovação, o calouro começou a tomar conta da Seleção com uma pressão sem precedentes. Motivo: outras promessas da geração dele foram ficando pelo caminho. O camisa 10 do Brasil na estreia de Neymar era Ganso. O 9, Alexandre Pato. Robinho deveria virar o “irmão mais velho” no projeto até a Copa de 2014, mas viveu ocaso.

Em 2011, Neymar espantou o mundo ao levar o Brasil ao título do Sul-Americano Sub-20, no Peru, com oito gols em nove jogos. O parça no time era Lucas Moura, joia do São Paulo à época. Precoce, não foi liberado pelo Santos para o Mundial Sub-20 no mesmo ano. Mesmo assim, outros diamantes da geração, como Oscar e Philippe Coutinho, guiaram a Seleção ao último título na categoria contra Portugal, na Colômbia. Enquanto isso, Neymar queimava etapas disputando a Copa América de 2011, na Argentina, conhecendo o peso da eliminação nas quartas de final contra o Paraguai.

Forjado como estrela-guia para a Copa de 2014, Neymar levou o Brasil à medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Londres-2012. Um ano depois, brilhou na Copa das Confederações. Eleito melhor jogador, acabou com a final contra a Espanha no Maracanã.

Veio a primeira Copa, no Brasil, em 2014, e o início de uma relação estranha com o torneio. Camisa 10 da Seleção desde 10 de agosto de 2011, em um amistoso contra a Alemanha, em Stuttgart, ele deu conta do protagonismo até ser afastado da competição nas quartas de final depois de ter a costela atingida pelo colombiano Zúñiga. Neymar era o artilheiro da Seleção no certame, com quatro gols e uma assistência. Sem o prodígio da Vila Belmiro, o time canarinho foi vergonhosamente eliminado pelos alemães, nas semifinais, no traumático 7 x 1.

Da façanha ao meme ‘cai-cai’

No intervalo até a Copa de 2018, realizou a última façanha aparentemente impossível do Brasil. Liderou um quarteto fantástico nos Jogos Olímpicos do Rio-2016, com Luan, Gabriel Jesus e Gabriel Barbosa, e finalmente conquistou o sonho do ouro em um país marcado por três pratas (1984, 1988 e 2012), e dois bronzes (1996 e 2008). Neymar cobrou o último pênalti, no Maracanã, e converteu. Os três ‘parças’ do “maior abandonado” também ficaram pela estrada.

Dois anos depois, Neymar chegou lesionado e imaturo à Rússia. Lidava com uma fratura no quinto metatarso. Egocêntrico, atraiu os holofotes com um ‘cai-cai’ sem precedentes e virou meme na campanha em que balançou a rede duas vezes e deu duas assistências. Acabou eliminado pela Bélgica, na quartas de final, com derrota por 2 x 1.

A Copa da vida de Neymar tinha tudo para ser a passada (2022). O gênio da lâmpada ensaiou realizar todos os desejos dele no Catar, mas as lesões novamente atormentaram o sonho de 1.001 noites. Uma pancada no tornozelo, na estreia contra a Sérvia, o levou a uma luta contra o tempo para voltar durante a Copa. Retornou contra a Coreia do Sul. Fez gol e deu assistência. A genialidade fez com que ele encaminhasse a classificação para as semifinais com um gol praticamente autoral no segundo tempo da prorrogação contra a Croácia. A quatro minutos do fim, os europeus empataram e triunfaram nos pênaltis.

Ciclo mais duro da carreira

O último ciclo é o mais duro da carreira do maior artilheiro da história da Seleção. Começou justamente com a quebra do recorde de Pelé no primeiro jogo das Eliminatórias para a Copa de 2026, contra a Bolívia, em Belém. Os dois gols marcados no Mangueirão o levaram a ultrapassar Edson Arantes do Nascimento no ranking da Fifa: 79 x 77.

Neymar enfrentou Peru e Venezuela antes de se lesionar contra o Uruguai, em 17 de outubro de 2023, e vive um calvário. Hoje, o craque completa 970 dias sem jogar pela Seleção. Em tratamento intensivo de uma lesão de grau 2 na panturrilha direita, teve a convocação bancada pelo técnico Carlo Ancelotti em 18 de maio. Apresentou-se na Granja Comary em 27 de maio e não conseguiu participar de nenhum treino em 17 dias.

Campeão de quase tudo na carreira, Neymar tem alguns vácuos na relação com a Seleção. Uma lesão o tirou do grupo campeão da Copa América em 2019. Amargou o vice em 2021, contra a Argentina, no Maracanã. No Mundial, jamais jogou uma semifinal. De muletas, escapou do 7 x 1 contra a Alemanha em 2014.

Palco da estreia de Neymar com a camisa da Seleção, o MetLife Stadium está novamente no caminho. É o cenário da final da Copa-2026. Se o Brasil avançar em primeiro no Grupo C contra Marrocos, Haiti e Escócia, o atacante terá tempo de se apresentar na arena nas oitavas de final, caso os colegas superem a barreira da fase de 16 avos. O grand finale, no entanto, seria brindar o Brasil com o hexa em 19 de julho. O capítulo final de um ciclo iniciado em East Rutherford e, quem sabe, encerrado no mesmo endereço.



NEYMAR

Neymar da Silva Santos Júnior

Nascimento: 5/2/1992

Local: Mogi das Cruzes (SP)

Número da camisa: 10

Clube: Santos

Estreia na Seleção: 10/8/2010 — EUA 0 x 2 Brasil (amistoso internacional)

Minutos em campo: 10.645

Jogos: 128

Gols marcados: 79

Primeiro gol: EUA 0 x 2 Brasil

Participações em Copas: 3

Principais títulos: Copa das Confederações (2013);

Jogos Olímpicos (2016); Superclássico das Américas (2011, 2012 e 2014);

Sul-Americano sub-20 (2011).